

Educação e Antissemitismo

Karl Schurster

Professor da Universidade de Vigo/UPE

Programa de Pós Graduação em Tradução & Paratradução Uvigo

2022



Universidade de Vigo



A atualidade de uma questão



- Um vizinho mata a outro, cujo nome conhece, porque é empurrado por um alento coletivo. Outro vizinho o escuta e nada faz para impedi-lo, pela mesma razão. Isso o exime da culpa pessoal. Os coletivos anulam as vontades individuais. Jan T. Gross – “Vizinhos”.
- As mãos de Orlac (1924);
- O “antissemitismo” como um fenômeno regulador de mal-estar das sociedades;
- Termômetro de “graus de democracia”?
- Pesquisa 2019 – 10% dos europeus entrevistados admitiram visões desfavoráveis aos judeus;
- 16% visões negativas as pessoas LGBTQIA+;

A atualidade de uma questão

- 36% têm dificuldades no relacionamento com imigrantes;
- Um terços dos entrevistados afirmaram saber pouco ou quase nada sobre o Holocausto (Suécia, Alemanha, Polônia, Hungria, Áustria e França);
- Um em cada quatro entrevistados acreditava que os judeus tem muita influência nos negócios e finanças mundiais;
- O retorno da lenda da conspiração Judaica;
- A mesma pesquisa nos EUA apresentou dados ainda mais preocupantes;



Francisco Carlos Teixeira da Silva | Karl Schurster



**passageiros
da tempestade**

fascistas e
negacionistas
no tempo
presente

CEPE

Uma questão atual

- 10% não sabiam se jpa tinham ou não escutado falar no Holocausto;
- Metade do grupo da geração *millennials* não seria capaz de nomear um único campo de concentração;
- 35% falam que Israel utiliza a Shoah para seu próprio benefício;
- 40% afirma que os judeus correm risco maior de agressões hoje;
- 18% afirmam que o Antissemitismo é fruto do comportamento cotidiano do povo judeu;

Antissemitismo

- Isso nos aponta duas questões fundamentais:
- 1. grave falha educacional ;
- 2. a eficácia da propaganda da ultra e extrema-direita antissemita;
- Atenção ao antissemitismo que mistura o velho tipo europeu fascista e o antissemitismo árabe, oriundo do conflito;
- 16% da população do Brasil tem têm visões antissemitas;
- 2019 – 25% dos brasileiros perpetuam estereótipos contra judeus;



KARL SCHURSTER
O FENÔMENO NAZI
E SEU IMPACTO NA
HISTORIOGRAFIA DO
TEMPO PRESENTE



Antissemitismo

- A repetição do impensável: Bósnia e Ruanda,
- 2020: relatório da Academia Nacional de Ciências de Israel;
- Menos estudiosos de Israel estão se debruçando sobre as questões centrais associadas à investigação sobre a Shoah;

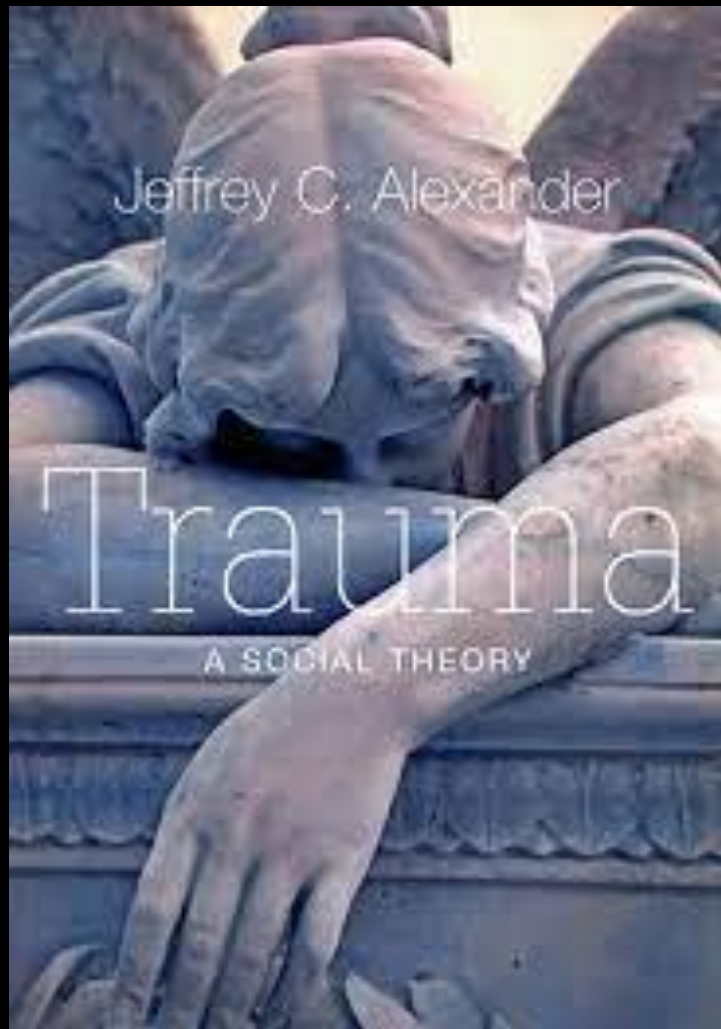
Raízes na História e na Existência

- Todos os discursos de ódio apresentam dois núcleos: de um lado a negação da história e de outro a rejeição ao “outro”;
- A falsa transcendência na relação líder-massa;
- A ideia de que o Holocausto explica/acalma/une/retribui;
- Todos que não cabem ou reagem a “normalização fascista” devem ser aniquilados;
- Necessidade de um retorno imperativo a Levinas: o sujeito é capaz de atingir a condição humana antes de assumir a responsabilidade pelo outro?



Instrumentalizado, o ódio enquanto narrativa contemporânea, atende assim à realização do sintoma, só-sofrimento, como a realização de uma com(pulsão) primeva, antiga e aterradora.

Karl Schurster



Introdução

- Jeffrey Alexander - “teoria social do trauma cultural”;
- Entender o trauma como capaz de produzir acontecimentos sociais;
- Transição entre a ideia de trauma coletivo para o que hoje se chama de “temas socialmente vivos”;
- Formar pessoas “engajadas socialmente”;
- Das experiências individuais do trauma aos usos políticos do evento e/ou experiência;
- Os traumas tornam-se coletivos na medida em que são concebidos como “feridas na identidade social e passam a ser construídos social e simbolicamente.

Os Traumas Sociais Coletivos

- O acontecimento é “aquilo que ele se torna” – Michel de Certeau;
- Provocar rupturas de abordagens;
- A aporia de um nome: traumas coletivos, temas sensíveis, difíceis, eventos limites, controversos;
- O início com a *controversial history*;
- Foco nas experiências em sala de aula para problematizar assuntos complexos – a “zona cinzenta”;
- No caso do Brasil a importância das Jornadas Interdisciplinares sobre o Ensino de História do Holocausto;

Psychoanalysis and Holocaust Testimony

Unwanted Memories of Social Trauma

Edited by

DORI LAUB and
ANDREAS HAMBURGER



Os Traumas Sociais Coletivos: histórico

- A importância da tese: *Memórias da Dor: coleções e narrativas do Holocausto* – Kátia Lerner;
- Simon Doubnov, chamou de “era do testemunho”;
- O “enquadramento da memória”;
- O caso Europeu: 1960 e a Conferência dos secretários de Educação da Alemanha;
- Anos depois a série Holocausto ajudou a impulsionar as reformas no ensino sobre esse tema;
- Os livros passaram a adotar a perspectiva das vítimas



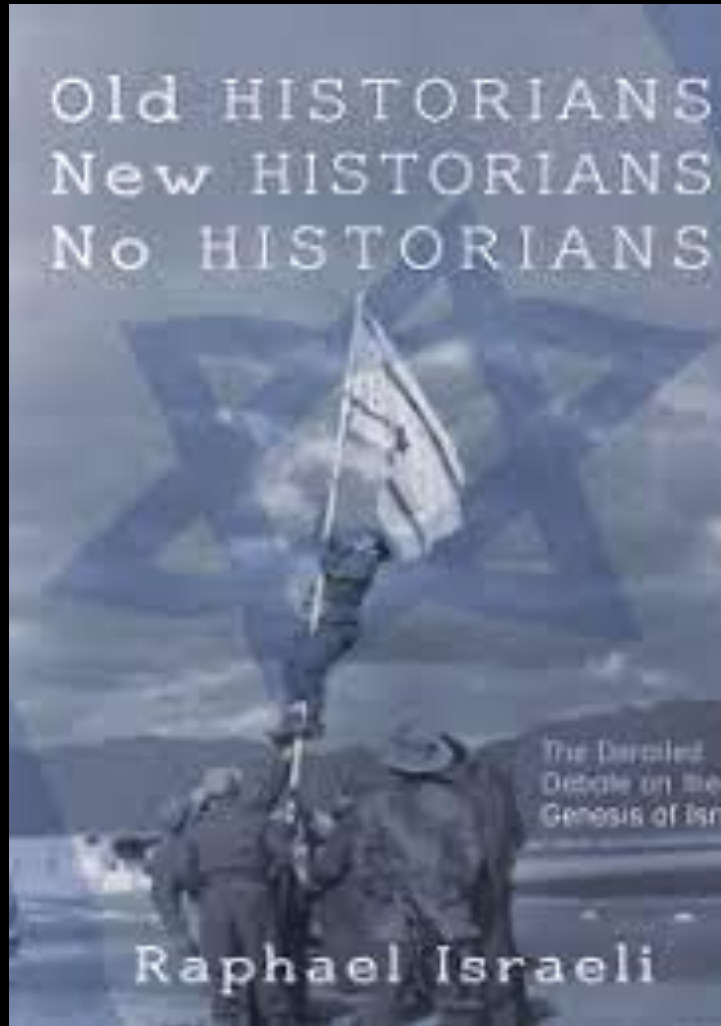
Steven Spielberg e a Fundação USC Shoah

Os Traumas Sociais Coletivos: histórico

- A década de 1970 como o momento da didática da história na Alemanha;
- Como guia o conceito de consciência histórica para lidar com o passado Nazi e a posteriori com a ex-Alemanha Oriental;
 1. Consciência histórica;
 2. Didática da História;
- A importância da *Historikerstreit* e a *Alltagsgeschichte* para o Ensino do Holocausto;



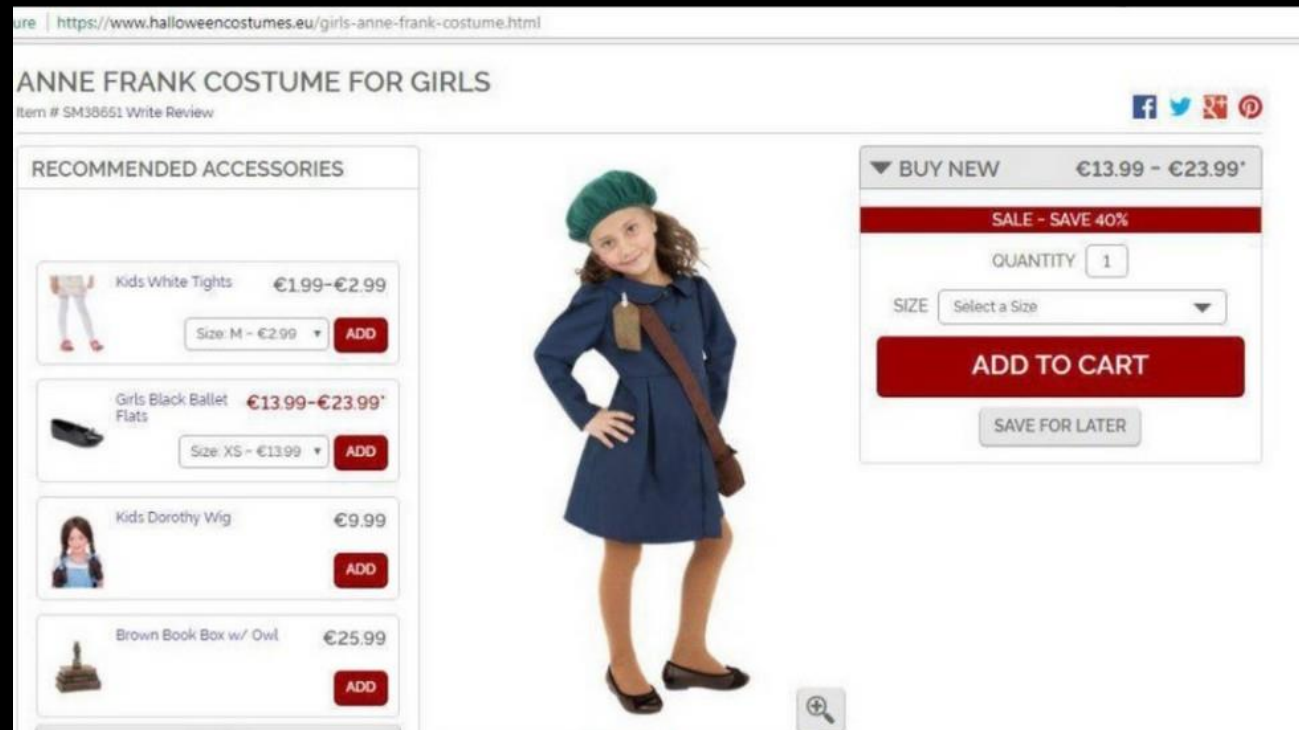
Os Traumas Sociais Coletivos: histórico



- Somam-se a esses estudos os “novos historiadores israelenses” anos 1990;
- Esses dois grupos acabaram por levar o campo teórico para a história pública;
- A importância de pensar as dimensões da consciência histórica: tempo, sensibilidade para com a realidade, consciência de historicidade, identidade, política, econômico-social e moral;
- RÜSEN, princípio da “multiperspectividade”;
- Memória antes mesmo de ser história.

O Trauma

- O excesso de comunicação e consumo dos eventos traumáticos;
- Reificação do trauma?
- O preço em troca dessa “notoriedade pública” ;
- As representações simbólicas do sofrimento social e seus usos instrumentais como parte dos novos problemas para o ensino de história do Holocausto;
- Novos enquadramentos simbólicos.



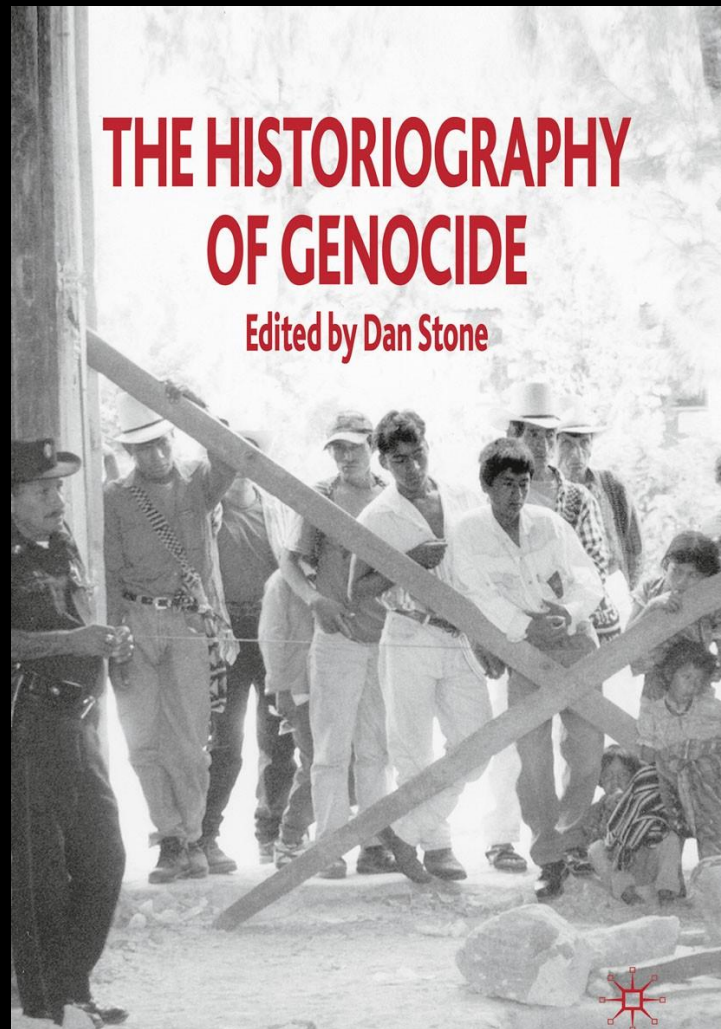
O Trauma

- O processo social de reivindicação pelo “trauma”;
- Sua relação com a esfera pública;
- Uma narrativa mestra da história e da identidade de grupos?
- O trauma codifica o “mal”;
- Os espaços públicos de reivindicação sobre o passado;
- Consciência e didática da história como mediadores no ensino de passados dolorosos.



Imagem da página 04 Episódio Pesadelo do Passado n 161 – X-Men

Os temas socialmente vivos, a nova historiografia sobre os genocídios



- *Joël Kotek* : “Se o judeocídio aparece, por excelência, com um crime de genocídio, então está longe de ser único”;
- Saul Friedländer: “foi no Nacional Socialismo e no crime sem precedentes concebido durante sua existência, que a negação da vida e o culto à morte transformou-se em política de Estado”.
- *As questions socialement vives (QSV)*;
- Designar as questões complexas e/ou controversas que estão inseridas no contexto da vida real;

Os temas socialmente vivos

- Simonneaux & Chantal Pouliot, as questões podem ser percebidas como “vivas” quando:
 - i. geram debates recorrentes na sociedade (geralmente com repercussão midiática e por isso os indivíduos teriam um conhecimento mais superficial sobre os temas);
 - ii. se tornam costumazes no meio acadêmico em variadas pesquisas;
 - iii. nas salas de aula são percebidos como demanda do seu tempo e com isso se tornam “vivos”.



Os temas socialmente vivos

- “Grau de vivacidade”;
- “O risco de ensinar ou transmitir” ;
- Não se trata de educar sobre o Holocausto em 30 segundos. "O que fazemos é inspirar curiosidade e fazer as pessoas dizerem: 'Quero aprender mais'. Temos que nos perguntar como estamos ensinando sobre o Holocausto. Está atualizado e alcançando as pessoas?" Julie Gray.
- Para ser considerada uma “socialmente viva” uma questão deveria questionar as práticas sociais dos atores envolvidos



Foto de 1º de janeiro de 2022 mostra o tcheco Gidon Lev, conhecido como 'vovô TikTok'; ele faz sucesso na rede social por compartilhar suas memórias, músicas e memes.



Os temas socialmente vivos

- Quanto mais pública uma questão se torna mais ela pode ser “dramatizada”;
- As interpretações concorrentes com o saber científico;
- Lidar com a rotinização dos “traumas coletivos”;
- A ação política e educativa sobre os temas socialmente vivos devem evolver novas formas de responsabilidade moral;

Os temas socialmente vivos



- O trauma coletivo acaba por se tornar uma questão socialmente viva quando há reivindicações sobre o dano a sua representação e memória;
- Quando há alguma “profanação de algum valor sagrado”.
- O trauma coletivo resulta de um profundo desconforto, um mal-estar, uma náusea;
- Quando o mal-estar transborda para fora do grupo se torna uma questão socialmente viva;
- O cuidado com o efeito reverso da “empatia” de tratarmos o “mal” de forma vil.

Alan Schechner - *It's the Real Thing - Self-Portrait at Buchenwald, 1993*

Os temas socialmente vivos: conclusão



- Cuidado com o “princípio da inevitabilidade” dos crimes em massa;
- Ir para além do trauma fugindo do a filosofia chamou de “eterno retorno”;
- A necessidade de criar linguagens para retirar o trauma do não-referencial;
- Cuidado com a “adequação” da representação;
- A pedagogia do conhecimento como prevenção;
- A libertação do trauma passa obrigatoriamente pela memória



Os temas socialmente vivos: conclusão

- A academia e os sobreviventes deixaram de ser os únicos produtores de narrativas sobre o trauma;
- Diferentes formas de nomear, de lembrar o sofrimento introduz a vítima de volta a comunidade humana a que foi expulsa – Olga Garcia;
- Jean Améry: os limites do meu corpo, são os limites da minha linguagem.
- Regressar a “pátria humana” que o nazismo retirou das vítimas, implica e fazer do Holocausto um tema socialmente vivo e, para isso, o pertencimento do trauma, como afirmou Imre Kertész é da próxima, e da próxima e da próxima geração.

Enfrentar a frieza é negar a negação
karl Schurster

OBRIGADO!

Contato: karl.schurster@gmail.com



Universidade de Vigo

